

PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DO TRABALHADOR
CENTRO DE ESTUDOS DA SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SERGIO AROUCA
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Histórias da Pedra de Guaratiba

Resenha (e conversa) com o artigo “NÃO É SÓ A FÉ
QUE MOVE MONTANHAS” de Valdir Specian, publicado em 08/04/2021

Thaís Lisboa Soares

Atividade dos módulos “Estado e Política de Saúde aplicada à Saúde do Trabalhador” e “Vigilância em Saúde do Trabalhador” da Especialização e Residência Multiprofissional em Saúde do Trabalhador como requisito parcial para a conclusão da formação.

Rio de Janeiro
Dezembro/2022

Início essa resenha falando da minha motivação pela escolha do artigo “NÃO É SÓ A FÉ QUE MOVE MONTANHAS”, de Valdir Specian, que afirma estar iniciando a aventura de estudar sobre tal tema. Minha família ampliada já está há algumas gerações morando no bairro de Pedra de Guaratiba, onde meus pais nasceram e cresceram. Já adultos, meus pais foram morar em um bairro vizinho pois identificavam uma grande falta de recursos educacionais e de saúde no bairro da Pedra. Entretanto, durante toda minha infância, e a de meu irmão, fomos quase diariamente para a Pedra de Guaratiba. Passávamos todos os finais de semana na casa de primos, tios, tias e avós, andávamos de bicicleta nas estradas que davam na antiga pedreira, íamos olhar os caranguejos nos mangues, na beira da Baía de Sepetiba e ficávamos contando as coloridas e diversas aves do céu. Guaratiba, em língua tupi, quer dizer “lugar com muitas aves”.

Há alguns anos, eu e meu irmão estamos registrando de várias formas as histórias da nossa família e, conseqüentemente, do bairro da Pedra de Guaratiba e seus arredores. A pedreira que havia no local sempre aparece nos relatos e em detalhes que ainda estão pelas casas, como vidros trincados nas portas e janelas devido às imensas explosões. A exploração da pedreira impactou de muitas maneiras a vida de quem morou e mora na Pedra de Guaratiba, como por exemplo o trabalho infantil que ocorria ao redor do local, a quantidade abundante (e certamente prejudicial à saúde) de poeira que cobria o bairro após as grandes explosões, os altos ruídos que os trabalhadores da pedreira e os moradores de seu entorno eram expostos, a mudança radical da fauna e da flora do local.

A região do bairro da Pedra de Guaratiba tem um porto que foi importante para o escoamento de ouro para Portugal no século XVII. No meado do século XX, iniciou-se a exploração, sem licença ambiental, da pedreira de onde se extraía brita, conjunto de pedras consideradas “sem valor”, para a construção civil e obras de infra-estrutura. A atividade extrativista de minério, ocasiona impactos ambientais e sociais consideráveis, como a interferência na qualidade da água, na qualidade do ar e do solo. Visto tais impactos previstos, a cidade do Rio de Janeiro incentivou que a atividade produtiva de mineração e toda sua cadeia de produção saísse das zonas sul, norte e central da cidade e fosse para locais mais pobres e com menos visibilidade, como a zona oeste.

O bairro que tinha características rurais no meado do século passado sofreu grandes modificações após o início da exploração da pedreira. A Pedra se urbanizou de maneira precária, sem infraestrutura pública, com poderes paralelos disputando território, com um

dos IDHs mais baixos da cidade e onde a classe trabalhadora foi escondida do Rio de Janeiro bonito e “desenvolvido” que aparece nas capas de revistas. A cidade cenográfica da TV Manchete foi instalada próximo a pedreira e em região de Mata Atlântica, foram construídas estradas, ruas e instalação de torres de comunicação.

A pedreira que deu nome ao bairro deixou de ser avistada, foi sumindo ano-a-ano e, após 50 anos de exploração, não existe mais. O que existe é um descampado gigantesco, pedras soltas, um vazio de vegetação e animais no local. Desde 2002, a área que compreendia a pedreira se integrou ao Parque Natural Municipal da Serra da Capoeira Grande, mas por cerca de oito anos após tal integração, a exploração da pedreira continuou ocorrendo. Segundo o Decreto Municipal nº 21208/2002, a área de 21 hectares possui remanescentes da flora brasileira e da Mata Atlântica, como o pau-brasil, além de fazer parte da rota migratória de diversas espécies de aves.

Quando Valdir cita Drummond fez, imediatamente, minha memória lembrar do poema “No meio do caminho” onde o poeta fala que não esquecerá que no meio do caminho tinha uma pedra, uma pedra que não existe mais, uma pedra que estava no meio do caminho. Quando Valdir fala dos morros de sua infância que ele viu sumirem e se transformarem em loteamentos, quando se interroga dos homens e mulheres que possivelmente trabalharam na mineração e não conseguiram colocar em palavras a transformação do território que vivenciaram, conversa intimamente comigo e os questionamentos que faço todas as vezes que vou ao bairro da Pedra de Guaratiba. As histórias de homens que morreram explodindo pedras, soterrados por pedras, precisam ser contadas, registradas, precisam não ser esquecidas.

Acredito que eu esteja, ou seja, mais otimista que Valdir, porque não concordo que o “nosso planeta é uma grande lata de lixo”, como ele afirma em seu texto. Acredito que as decisões humanas que tomamos podem transformar a realidade para fazer do planeta um grande pulmão, um grande coração, uma grande pedra preciosa que vamos apreciar coletivamente, enquanto humanidade.